

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

## Educação e Empreendedorismo

### Uma “nova” noção para a (con) formação humana aos interesses do capital

Graziany Penna Dias<sup>1</sup>

#### Introdução

O presente texto tem por objetivo tratar, criticamente, a noção de empreendedorismo e sua apreensão/implementação, a nosso ver apressada e acrítica, nas ações pedagógicas da educação. Entendemos que esta noção caminha e se relaciona, juntamente, com as outras noções: competência e empregabilidade; que têm sido impostas no seio escolar para atender ao projeto dominante de sociedade, pautada nas mudanças que vêm acontecendo no capitalismo desde o último quartel do século passado (XX) (Harvey, 1993).

Enquanto uma noção relativamente atual, o empreendedorismo tem se constituído em um discurso ideológico dirigido à classe trabalhadora, com o intuito de dar novo vigor ao capitalismo que havia adentrado em crise em 1970, com repercussões hodiernas, principalmente, por conta da crise do emprego formal (Antunes, 1999).

As discussões que apresentaremos, neste texto, são frutos das pesquisas do mestrado em educação da Universidade Federal Fluminense com o título: Empreendedorismo e

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense, conclusão 2006, com pós-graduado em Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Educação Física Escolar. Universidade Federal de Juiz de Fora. (UFJF) É Licenciado em Educação Física pela UFJF e membro do Grupo de Estudo Trabalho, Educação Física e Materialismo Histórico (GETEMHI) da UFJF.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Educação: o SEBRAE na Escola (Dias, 2006). Nossa expectativa é relacionar esta discussão com a especificidade da educação no seu trabalho pedagógico; pois numa perspectiva de totalidade, esta última não está separada da realidade maior, perpassada pela reestruturação produtiva que impõe novas mediações na relação trabalho e educação.

Compreendemos que esta discussão se torna importante para a educação, na medida em que começam a serem produzidas, obras na área, que apontam para a assunção do referencial da noção de empreendedorismo como norte a ser perseguido pelos professores, no interior da escola. Destacamos o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) enquanto principal personagem nesta linha, tendo já produzido cursos, como veremos, no intuito de desenvolver o “espírito empreendedor”.

## Noção de Competência, Empregabilidade e EMPREENDEDORISMO.

No bojo destas transformações, as mudanças de cunho tecnológico e organizacional do trabalho, por que vêm passando os países do capitalismo central (desde meados de 1970) desenham um mundo produtivo com características marcantes.

[...] flexibilização da produção e reestruturação das ocupações; integração de setores da produção; multifuncionalidade e polivalência dos trabalhadores; valorização dos saberes dos trabalhadores não ligados ao trabalho prescrito ou ao conhecimento formalizado (Ramos, 2001b, p. 38).

Em que pesem estas características, um novo modelo de trabalhador se faz necessário para compor os novos quadros produtivos em que a formação humana repouse em novas noções que passam a ser balizadoras dos principais espaços de formação, sendo a escola o espaço privilegiado.

Não obstante, apresentam-se duas novas noções – competência e empregabilidade – no interior do campo da formação humana (Ramos, 2001a). No que corresponde à competência, esta

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

[...] associa-se à conjugação dos diversos saberes mobilizados pelo indivíduo (saber, saber-fazer e saber-ser) na realização de uma atividade. Ela faz apelo não somente aos seus conhecimentos formais, mas à toda gama de aprendizagens interiorizadas nas experiências vividas, que constituiriam a sua própria subjetividade (ibid, p. 13).

O novo modelo de trabalhador deverá ser preparado não somente através de uma base técnica, mas também com características e habilidades comportamentais tais como criatividade, trabalho em grupo, decisão, resolução de problemas, comunicação entre outras; tornando-se um trabalhador polivalente.

No tocante a institucionalização da noção de competência, Ramos traz importantes considerações, ao verificar que a metodologia de análise dos processos de trabalho tem sido feitas segundo a Teoria Funcionalista, que enquanto aporte metodológico, [...] é coerente com uma concepção natural-funcionalista de conhecimento, que reforçaria o irracionalismo pós-moderno (ibid., p. 284). De acordo com Ramos, o funcionalismo não se origina nas Ciências Sociais, embora muito divulgado nesta. Ele é oriundo, na verdade, das ciências Biológicas.

Neste sentido, essa teoria desconsidera as determinações históricas e contraditórias do objeto de conhecimento, a qual se põe a investigar.

Da mesma forma que na Biologia, o objeto de estudo é o organismo (ou subsistema de um), na Sociologia o objeto é um sistema de ação. Não há lugar para as contradições, mas sim para a interação (ibid., p. 287). Num sistema, os elementos sociais realizam funções específicas com um dado propósito, num ambiente de constante equilíbrio. A desarmonia, de tal equilíbrio, seria ocasionada por situações disfuncionais em que se teriam ações subseqüentes para refazer o equilíbrio do sistema.

Já no sistema de base flexível, tal relação se inverte de modo a importar mais à pessoa do que ao papel que exerce. A descrição das funções são realizadas em termos de resultados atingíveis por procedimentos dos mais diversos, desde que seja refeito o equilíbrio.

Mas a pessoa que interessa é a pessoa funcional, ou seja, aquela que mobiliza seus atributos cognitivos e sócio-afetivos para obter resultados esperados.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Então, na verdade, a unidade mínima da análise funcional desloca-se do posto de trabalho para a competência dos trabalhadores (ibid., p. 288).

Não obstante, a mudança de enfoque, necessita também da mudança de compreensão da organização do sistema, que passa agora a ser compreendido, como sendo aberto. E a personalidade e as relações interpessoais apresentam-se muito necessárias ao processo.

Por isso, os atributos psicológicos dos indivíduos tomam importância para o funcionamento integrado e flexível das organizações. Ao mesmo tempo, que o que se considerava como disfunções no funcionalismo clássico, será chamado agora de eventos e, ao invés de serem considerados indesejáveis ou anormais, passarão a compor o funcionamento dos sistemas (ibid., p. 288).

Este aprimoramento da Teoria Funcionalista é realizado pela Teoria Geral dos Sistemas, adaptando o funcionalismo a realidade econômico-produtiva hodierna. Nesta concepção, a matriz construtivista advém para analisar os, agora, eventos.

A análise construtivista, de aparência inovadora, ancora-se no mesmo constructo teórico, conferindo, porém, relevância ao elemento do sistema antes subordinado ao funcionamento normal; os eventos. Como unidade de análise dessas metodologias, a competência configura-se como uma noção adaptadora do comportamento humano à realidade contemporânea (ibid., p. 289).

Aliás, a adaptação é uma categoria fundamental da concepção funcional-naturalista de homem, na qual a socialização viria da interação e adaptação ao meio físico e social, visando o equilíbrio com estes.

No modelo biológico de interação organismo-meio estão presentes as noções de adaptação e equilíbrio. As características internas ao indivíduo seriam mediadoras na relação entre o organismo vivo e a espécie a que pertence. O amadurecimento dessas características internas permitiria que os indivíduos se desenvolvessem segundo uma seqüência fixa e universal de estágios, tal como postulou Piaget (ibid., p. 290).

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Neste sentido, o desenvolvimento psicológico do ser humano consistiria ao desenvolvimento de mecanismos de adaptação aos meios material e social. Assim, as competências cognitivas abarcariam os mecanismos de adaptação ao meio material ou mundo das coisas; e as competências sócio-afetivas abarcariam os mecanismos de adaptação ao meio social ou mundo das pessoas (ibid., p. 290).

O homem naturalista da Biologia e da Psicologia é o homem funcionalista da Sociologia – homo oeconomicus<sup>2</sup> – pois, assim concebido, o indivíduo agiria na sociedade de acordo com suas determinações naturalmente dadas contribuindo para o equilíbrio social (ibid., p. 290, grifos nossos).

Neste sentido, a perspectiva das competências consistiria numa adaptação do indivíduo a sociedade sem perspectiva de transformação.

A competência, inicialmente tomada como fator econômico e aspecto de diferenciação individual, reverte-se em benefício do consenso social, envolvendo todos os trabalhadores supostamente numa única classe: a capitalista, ao mesmo tempo, forma-se um consenso em torno do capitalismo como o único modo de produção capaz de manter o equilíbrio e a justiça social (ibid., p. 291).

Sendo assim, Ramos conclui que a noção de competência situa-se num plano de em que convergem a Teoria Interacionista da formação do indivíduo e a Teoria Funcionalista da estrutura social. Esta primeira [...] demonstra que sob uma determinada concepção de homem – a naturalista – a competência torna-se característica psicológico-subjetiva de adaptação do trabalhador à vida contemporânea (ibid., p. 292).

---

<sup>2</sup> Homo oeconomicus é um conceito gestado pela economia burguesa, que compreende o homem enquanto um conjunto de faculdades a serem constituídas nos indivíduos para que o sistema econômico possa funcionar. A realidade é dada naturalmente, cabendo a este homo oeconomicus descobrir as leis que a regem e adequar-se a elas para maximizar os seus ganhos. O homem, neste sentido, se reduz a uma abstração genérica, a-histórica e cujas características básicas são a racionalidade do comportamento e o egoísmo. Para saber mais ver Kosik (1976) e Firgotto (2001).

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

A segunda, [...] situa a competência como fator de consenso à manutenção do equilíbrio da estrutura social, à medida que o funcionamento desta última ocorre muito mais por seqüência de eventos do que por seqüência de fatos previsíveis (ibid., p. 292).

Neste sentido, Ramos qualifica a noção de competência enquanto perfazendo uma concepção natural-funcionalista de homem, que desemboca numa concepção subjetivo-relativista de conhecimento, isto, posto que o processo de construção de conhecimento pelo indivíduo, representaria o próprio processo adaptativo ao meio material e social. Nesta compreensão, a busca do conhecimento não adviria de um [...] esforço de compreensão da realidade para, então, transformá-la, mas sim das percepções e concepções subjetivas que os indivíduos extraem do seu mundo experiencial (ibid., p. 292).

Estas considerações desenvolvidas por Ramos, serão importantes quando analisarmos o Programa de Formação de Jovens Empreendedores (Módulo 1) que, como veremos, guarda coerência com as noções de competência e empregabilidade.

No que tange a empregabilidade, tal noção caminha junto com a noção de competência, correspondendo, ideologicamente, à condição do trabalhador se tornar empregável num momento em que flexibilizam-se as relações e condições de trabalho.

A empregabilidade representaria a contínua preparação que o trabalhador deveria buscar para se manter no emprego ou, se o perder, conquistar um outro emprego pela via da sua capacitação. De acordo com Minarelli (1995) a palavra empregabilidade é equivalente à expressão norte americana *employability* que se refere à “habilidade de ter emprego” (ibid, p. 37). Atendendo aos ajustamentos da economia global, as empresas modificam-se velozmente não garantindo mais o emprego até o trabalhador se aposentar. Inclusive, segundo Minarelli (ibid.), são cada vez mais raras as carreiras feitas apenas em uma única empresa.

[...] os empregadores começam a adotar uma política de preparar os seus funcionários para que estejam em condições de ter trabalho quando deixarem a organização. Como conseqüência, existe hoje um estímulo maior para que as pessoas tenham uma formação mais generalista e múltipla, para que possuam conhecimento mais amplo e múltiplas habilidades, o que permite a elas atuar em diversas ocupações e diferentes ramos de atividade (ibid., p. 38).

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Entretanto, mais do que uma expressão, a empregabilidade opera como mecanismo ideológico que adentra na realidade como forma de justificar as contradições da sociedade capitalista. De acordo com Ramon de Oliveira (1999), procura-se, pôr fora de questão, as relações de classe, enquanto responsáveis pela crise hodierna.

O conceito de empregabilidade surge, neste íterim, como um mecanismo que retira do capital e do Estado a responsabilidade pela implementação de medidas capazes de garantir um mínimo de condições de sobrevivência para a população. Ao se responsabilizar os indivíduos pelo estabelecimento de estratégias capazes de inseri-los no mercado de trabalho, justifica-se o desemprego pela falta de preparação dos mesmos para acompanharem as mudanças existentes no mundo do trabalho. Sob a ótica da empregabilidade, a necessidade dos indivíduos disporem de habilidades e conhecimentos adequados aos interesses da produção passa a ser o primeiro elemento considerado nas discussões a respeito das possibilidades de superação do desemprego existente (ibid., p. 57).

Em matéria no jornal Tribuna de Minas a noção de empregabilidade é destacada enquanto sendo a solução para a crise do emprego na cidade. Sob o título JF [Juiz de Fora] perde 200 postos por falta de mão-de-obra qualificada a matéria destaca que na verdade não há falta de emprego, mas de qualificação. Devido ao chamado “vácuo de empregabilidade” a cidade tem perdido empregos devido a não instalação de indústrias na região (Tribuna de Minas, 2005).

De nossa parte, acrescentamos a noção de empreendedorismo que tem ganhado o espaço no discurso dominante com forte apelo ao “auto-emprego”, de modo à pessoa tornar “patrão de si mesmo”, haja vista as altas taxas de desemprego e subemprego.

A noção empreendedorismo que também recebe a denominação de empreendedorismo schumpeteriano é derivada dos estudos do economista liberal Joseph A. Schumpeter, que, nos seus estudos sobre o desenvolvimento econômico do capitalismo, identificou como fenômeno fundamental à figura do empreendedor.

De acordo com Pombo (2005), Schumpeter destaca que o sistema capitalista tem como característica inerente, uma determinada força que ele denominou, em seu livro Capitalismo,

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

Socialismo e Democracia (publicado em 1942), de “processo de destruição criativa” na qual o desenvolvimento de novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados; perfaz a destruição do velho pelo novo. E o agente central neste processo de destruição criativa seria a figura do empreendedor. Em 1911, a publicação do seu livro Teoria do Desenvolvimento Econômico (1961b), deu um enfoque destacado ao empreendedor. Para Schumpeter, o empreendedor é aquele que cria inovações que possibilitam obter lucro com assunção dos riscos. “Ao empreendimento de novas combinações denominamos ‘empresa’ e os indivíduos, cuja função é realizá-las, ‘empreendedores’” (Schumpeter, 1961a, p. 103).

Schumpeter, também fez a diferenciação do empreendedor e do dono da empresa a qual nem sempre há correspondência.

[...] chamamos empreendedores não só aqueles homens de negócios “independentes”, de uma economia mercantil [...] como também todos os que, realmente preenchem, aquela função que definimos; ainda que, como está sendo a regra, sejam empregados “dependentes” de uma companhia [...] por outro lado, o nosso conceito é mais restrito que o tradicional, pelo fato de não abranger todos os diretores de firmas, gerentes ou industriais que, simplesmente, apenas dirigem um negócio estabelecido [...] (Schumpeter, 1961a, p. 103-104).

Em outro momento, Schumpeter destaca a provisoriedade do empreendedor, de modo a este não permanecer “eterno”: “[...] alguém só é um empreendedor, quando realmente, empreende novas combinações e perde esta característica logo que estabelece negócios, quando os estabiliza, deixando-os correr, como outras pessoas” (ibid., p. 102).

Neste sentido, ser empreendedor não é uma profissão e muito menos uma condição duradoura. Eles, os empreendedores, não constituiriam uma classe, “[...] como, por exemplo, os latifundiários, ou capitalistas, ou operários” (ibid, p. 108), ainda que com seus esforços consigam ascender a alguma.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Para Schumpeter, a capacidade de inovação seria um atributo fundamental ao empreendedor de modo a este procurar dar originalidade aos negócios, pois, do contrário, ao cair em ações rotineiras, suas atividades não poderiam mais ser consideradas empreendedoras.

Num outro esforço teórico de desenhar a figura do empreendedor, para Schumpeter, este estaria para além dos desejos e desígnios materiais.

Há a vontade de conquistar: o ímpeto de lutar, de provar-se superior aos outros, de vencer, não pelos frutos da vitória, mas pela própria vitória. Sob esse aspecto, a ação econômica se assemelha ao esporte – há corridas financeiras, idênticas a partidas de boxe. O resultado financeiro é uma consideração secundária, em todo caso, porém, muito valorizado como índice de sucesso e como sintoma de vitória [...] (ibid., p. 128).

Assim, o empreendedor, segundo Schumpeter, poderia ser comparado como uma espécie de jogador que joga pelo prazer de jogar e em que os ganhos materiais são como troféus que demonstram sua superioridade. Aqui observamos uma percepção bem idealista de homem, que está para além das determinações materiais. Inclusive Schumpeter chega a diferir o seu empreendedor da visão de homo oeconomicus, pois este seria capaz de recuar perante os empreendimentos de alto risco ao perquirir somente o lucro nas suas atividades econômicas; já o empreendedor vai para além do lucro, visando mais à satisfação da vitória.

Em linhas gerais, a exposição feita até o momento procurou destacar a figura do empreendedor concebida por Schumpeter. No tocante ao empreendedorismo, expressão não citada por Schumpeter, mas implícita na sua obra, representa um neologismo da sua noção de empreendedor e serve para designar as inovações geradoras de desenvolvimento econômico.

Em recente matéria, na Revista EXAME, com o título “Inovação e Empreendedorismo”, a inovação é posta como pedra de toque do crescimento e desenvolvimento das empresas. Não bastaria só investir em laboratórios de pesquisa e desenvolvimento para obter crescimento e lucratividade. Tomando como exemplo a empresa japonesa Toyota, a matéria procurou enfatizar o estímulo ao empreendedorismo de seus

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

funcionários, tornando-se a maior empresa do mundo, no faturamento, em fevereiro deste ano.

E qual seria seu “segredo”. De acordo com a matéria:

Embora apontada como referência na indústria automobilística, a Toyota tem investimentos em pesquisa e desenvolvimento inferiores aos das rivais [General Motors, Ford e Daimler Chrysler]. Seu trunfo é outro – a extraordinária capacidade de mobilizar e estimular seus operários a exercitar o cérebro, em vez de apenas músculos (Revista EXAME, 2006, p. 02).

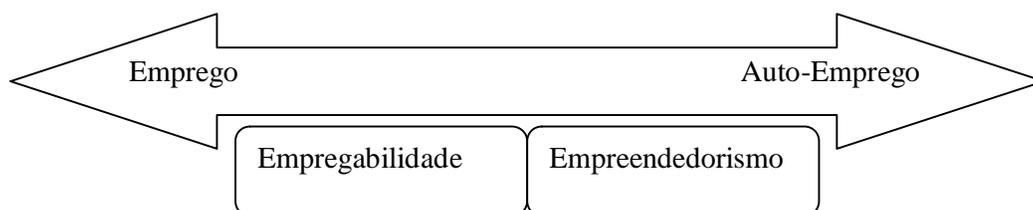
O incentivo ao empreendedorismo já faz parte da filosofia da empresa. Nas palavras do consultor canadense Gifford Pinchot: “A inovação desde sempre pressupõe a capacidade de empreender dos funcionários. Sem esse ingrediente, ela simplesmente não acontece” (Revista EXAME op cit., p. 02). Pinchott, inclusive chega a cunhar uma nova expressão, para este fato: a de intra-empreendedorismo, para designar os trabalhadores da empresa que representam agentes inovadores. E para tal, as empresas devem estimular seus funcionários a ir além da função específica do cargo que ocupam. Assim a noção de empreendedorismo vai se dinamizando em outras expressões de forma a atender a instabilidade do mercado.

De acordo com Campos (2003, p. 89)

A expressão torna-se de domínio público, empregada atualmente em associação com a idéia de um conjunto de competências, geralmente variáveis segundo o contexto, que compõem o perfil do ator, adequado às transformações sócio-econômicas que seguem seu curso a partir da década de 70 [século XX].

Como veremos mais adiante, as noções de competência, empregabilidade e empreendedorismo; guardam relação entre si enquanto mecanismos ideológicos de convencimento da classe trabalhadora.

Diagrama que relaciona as noções de competência,  
empregabilidade e empreendedorismo



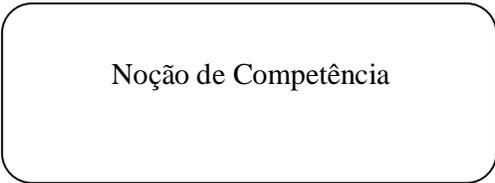
# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)



## Noção de Competência

Este diagrama, desenvolvido por nós, procura relacionar estas três noções, no que tange ao discurso dominante endereçado à classe trabalhadora para o enfrentamento da crise do desemprego estrutural.

De acordo com este diagrama, as noções de empregabilidade e empreendedorismo têm como base a noção de competência que lhes dá sustento. A noção de empregabilidade reporta que com as devidas competências adquiridas pela constante capacitação, o indivíduo pode conquistar a sua inserção no mercado via emprego. De acordo com Ramos (2001b), a partir de um conjunto de competências o indivíduo pode se tornar empregável, ou seja, adquirir alguma vaga ou emprego onde sua qualificação atender ao mercado.

Já a noção de empreendedorismo assevera que com as devidas competências, a pessoa é capaz de criar o “auto-emprego”, tornando-se “patrão de si mesmo”.

A noção de empreendedorismo enfatiza que o indivíduo construa a sua “atividade remunerativa”, já que o número de vagas de emprego, segundo o discurso dominante, está gradativamente diminuindo por conta das mudanças tecnológicas. Assim a empregabilidade apontaria mais para o emprego e o empreendedorismo apontaria mais para o “auto-emprego”. E a noção de competência seria a base e a referência para ambas.

No âmbito educacional, enquanto importante espaço de formação humana, estas noções têm ganhado terreno por meio de programas, projetos cursos e, também por diferentes personagens que têm atuado junto à educação com o intuito de implementá-las. No caso do empreendedorismo, estamos nos referindo ao SEBRAE que têm cursos organizados para

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

formar, ou conformar, o novo modelo de trabalhador auto-empregado. E isto, veremos adiante.

## O Programa de Formação de Jovens Empreendedores do SEBRAE

O Programa de Formação de Jovens Empreendedores, do Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), é um curso desenvolvido em escolas, tendo o intuito de disseminar a cultura empreendedora na sociedade, objetivando adaptar (e conformar) os indivíduos, à nova realidade econômica do país (Dias, 2006). De acordo com informações no website<sup>3</sup> do SEBRAE, desde 2004, o curso já atingiu 652 professores, 6.130 alunos do ensino médio e cerca de 72 instituições (escolas públicas e privadas) do Estado do Rio de Janeiro. Para o ano de 2006, cerca de 26 mil alunos do ensino médio da rede pública da Grande São Paulo passarão pelo curso.

Atualmente o SEBRAE, desenvolveu um outro curso denominado de Programa de Formação de Empreendedores – “Primeiros Passos” destinado aos alunos do ensino fundamental (1ª a 8ª séries), com idade entre 07 a 14 anos. Nas palavras do SEBRAE<sup>4</sup>: O programa foi desenvolvido para atender ao grande desafio do Ensino Fundamental nos dias atuais, que não se limita a alfabetizar e dar formação básica, mas preparar o aluno para as situações apresentadas em seu futuro (SEBRAE, 2006).

No tocante aos limites do nosso estudo, vamos nos ater ao curso voltado para o ensino médio. Apenas estamos destacando este curso para o ensino fundamental como forma de mostrar o empenho do SEBRAE em desenvolver o empreendedorismo no chão da escola e em séries cada vez mais iniciais.

Apoiado em Schumpeter, o SEBRAE, em meados de 1990, estrategicamente, agregou esta concepção de empreendedorismo, de forma a convencer a sociedade brasileira de que, no

---

3 Website: [www.sebraesp.com.br](http://www.sebraesp.com.br), Formação de Jovens Empreendedores chega à rede pública de ensino. Acessado dia 04/02/2006.

4 Website: [www.sebraerj.com.br](http://www.sebraerj.com.br), SEBRAE/RJ leva lição de empreendedorismo a alunos da 1ª a 8ª séries. Acessado dia 04/02/2006.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

bojo da economia de mercado, a instabilidade da vida impõe respostas e adaptações que podem ser promovidas pelo espírito empreendedor.

No presente século, o enfoque do empresário empreendedor como fator dinâmico de expansão das economias de mercado é resgatado ao nível da teoria econômica de Joseph Schumpeter, para quem o estímulo para o início de um novo ciclo econômico, assenta-se principalmente nas inovações tecnológicas introduzidas por esta categoria de empresário. Nesses termos, Schumpeter apresenta-nos o conceito de destruição criadora, que fundamenta-se no princípio de que o papel do empresário empreendedor é justamente o de propiciar a quebra de paradigmas nas economias de mercado estabelecendo novos patamares econômicos e tecnológicos nas suas estruturas-produtivas, sempre na busca de lucro e de realização profissional e individual (SEBRAE, 1995, p. 02).

E para se tornar empreendedor é necessário que o indivíduo adquira e aprimore constantemente, suas qualidades pessoais, pois a consecução de um negócio lucrativo, na perspectiva apontada por Schumpeter, é de cunho pessoal.

Conhecer a si mesmo como empreendedor é um dos aspectos mais importantes para o sucesso de um negócio, pois pode-se ser a ferramenta do próprio trabalho [...]. Cada um deve, então, avaliar suas próprias características o mais objetivamente possível e encarar corajosamente suas limitações, trabalhando seriamente para desenvolver aquelas características de que se necessita [...]. Somos um “produto” em constante estado de aperfeiçoamento. Se hoje somos o que somos amanhã seremos o que quisermos ser. Algumas características nossas não poderão variar em grau de desenvolvimento, em qualidade em importância e no espaço que ocupam em nossas vidas (ibid., p. 43).

Nossos referenciais de análise, numa perspectiva crítica, serão as noções de competência e empregabilidade estudadas por Ramos (2001a); e que guardam coerência com a noção de empreendedorismo, como veremos.

Nosso objetivo é qualificar a concepção de homem e mundo que o ensino do empreendedorismo nas escolas, infere nos professores e alunos. A partir disto, também qualificaremos a pedagogia empreendedora presente neste curso do SEBRAE, dentro das

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

categorizações que Saviani (2005) propôs acerca das teorias da educação que são: as teorias não-críticas, crítico-reprodutivistas e crítica. Não obstante, iniciaremos por tratar do programa de Formação de Jovens Empreendedores do SEBRAE.

O Programa de formação de Jovens Empreendedores é um curso desenvolvido e promovido pelo SEBRAE, visando a formação de jovens empreendedores. Está sendo oferecido às escolas (públicas ou privadas) para os alunos do ensino médio.

Pela Visão Geral<sup>5</sup> deste programa, o “mundo está mudando, e o sucesso será fruto da capacidade de utilizar forma racional e inovadora as potencialidades emergentes de uma nova era, a era do empreendedorismo” (2004).

Diante disto, o SEBRAE projeta para a escola, enquanto principal instituição formadora, as demandas na formação de empreendedores, que numa conjuntura de “diminuição” de postos de trabalho, se torna essencial à esfera produtiva e ao capital.

O curso tem uma característica extracurricular sendo oferecido na escola fora do turno do aluno. O curso é ministrado pelos professores da própria unidade escolar que de antemão já receberam uma capacitação de 64 horas, dos instrutores do SEBRAE. Esta capacitação visa a instrumentalização dos professores no uso do material didático, como as apostilas ou módulos (I, II e III). Há os módulos do professor, ou melhor, multiplicador, com o detalhamento (pari passu) de cada aula a ser acompanhada nos respectivos módulos dos alunos. O treinamento dos alunos tem uma duração programada de 96 horas.

O Programa tem a seguinte estrutura curricular:

- O Treinamento Motivacional (Módulo 1): A intenção é Despertar e reforçar o espírito empreendedor (2004). Apresentar ao futuro empreendedor o processo de evolução das empresas, bem como as ações que precisarão ser tomadas para garantir o sucesso do negócio. As disciplinas são: O Empreendedor, Ciclo de Vida das pequenas Empresas, Desenvolvimento Comportamental.

---

<sup>5</sup> Esta Visão Geral é um dos tópicos introdutórios da apresentação que o SEBRAE faz nas unidades escolares. Foi obtido no SEBRAE da cidade de Três Rios/RJ em 04/08/2004.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

- Planejamento de Negócios(Módulo 2): Ensinar o funcionamento da empresa para o futuro empreendedor. Repassar as ferramentas necessárias na definição clara do seu empreendimento por intermédio do plano de negócios. As disciplinas são: O ambiente empresarial, O Produto e o Processo, Finanças e Custos, Elaboração do Plano de Negócios.
- Constituição da Empresa (Módulo 3): Compreensão, pelo futuro empreendedor, de quais os tributos, normas e leis que as empresas estão sujeitas a pagar e a obedecer. As disciplinas são: Aspectos Legais, Aspectos Tributários e Trabalhistas, Simulação Empresarial.

Assim se por um lado as demandas colocadas pela acumulação flexível (Harvey, 1993), precisam de um novo modelo de trabalhador (dotado de competências) necessário no interior das empresas. De outro lado é de suma importância indivíduos empreendedores<sup>6</sup> que tenham condição de atuar fora destas últimas.

No tocante a estas disciplinas e aos objetivos do presente texto, iremos nos ater as disciplinas do Treinamento Motivacional (Módulo 1), pois perfazem imediatamente na formação do espírito empreendedor. Neste sentido, o nosso objeto empírico será o Módulo 1 – aluno, no qual encontraremos referências á noção de competência e empregabilidade, que nos auxiliaram na compreensão do empreendedorismo.

## Análise do programa de Formação de Jovens Empreendedores

Neste momento, iremos empreender a análise da apostila módulo 1 – aluno, de forma a destacar a convergência de seu conteúdo com as noções de competência e empregabilidade de maneira a qualificar na sua proposta de formação a concepção de homem emanada do curso.

De imediato já iniciamos a análise destacando a estrutura curricular do curso. Ele está configurado na seguinte estrutura: Treinamento Motivacional (Módulo 1), Planejamento do Negócio (módulo 2) e Constituição da Empresa (Módulo 3). No início deste texto já anotamos

---

<sup>6</sup> A noção de empreendedorismo ao longo do tempo foi desenvolvendo de forma a adquirir outras conotações. Tem-se, por exemplo, os intrapreneurs (intraempreendedores), que são os empregados que empreendem dentro do seu local de trabalho. Assim, existem compreensões de empreendedorismo (intrapreneurs) dentro da empresa. Mas no geral quando se trata do empreendedorismo, se refere fora de uma ocupação formal.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

as características de cada módulo e que nos servirá de análise. Pois como vimos o módulo 1, congrega comportamentos e atitudes que impliquem em despertar e reforçar o espírito empreendedor. Já os outros dois módulos apresentam-se numa perspectiva de saberes mais formais<sup>7</sup>, sobre noções de economia, tributos, normas e leis afins a constituição de uma pequena empresa.

Numa primeira análise, este currículo perfaz a concepção de formar não só por uma base técnica, mas também numa perspectiva de desenvolvimento de competências que é da forma como compreendemos o módulo 1 e que veremos a seguir.

A apostila referente ao módulo 1 – aluno é constituído de material impresso referente as três disciplinas: Desenvolvimento Comportamental (10 aulas, p. 01-33), O Empreendedor (08 aulas, p 01-30) e Ciclo de Vida das Pequenas Empresas (09 aulas, p 01-46). Em todas as disciplinas, observamos a abordagem dos conteúdos seguida de atividades de vivências, dinâmicas, jogos teatros; referentes aos assuntos abordados. Além destes, observamos fragmentos de textos com relatos de experiências de sucesso e fracasso, bem como trechos de reportagens de jornais enfatizando a necessidade e importância do empreendedorismo ante as mudanças ocorridas no mundo.

Passaremos agora a análise do material das disciplinas Desenvolvimento Comportamental e O Empreendedor, procurando destacar as noções e competência e empregabilidade, de forma a obtermos suporte teórico e empírico para qualificarmos este curso de empreendedorismo do SEBRAE, que também nomearemos de pedagogia empreendedora. No material da disciplina Desenvolvimento Comportamental, destacaremos algumas aulas que fazem referência a competência.

Na aula 04 é dissertado sobre uma importante competência, que é a criatividade. “O indivíduo criativo hoje não é só aquele, que intui, mas aquele que, além de imaginar, tem a capacidade de dar utilidade à sua criação” (2004, p. 08). Aqui se faz referência a mobilização da criatividade para a ação, um importante componente da concepção de

---

<sup>7</sup> Cabe assinalar que não desconhecemos os saberes formais como sendo estranhos à formação do empreendedor. Iremos nos ater ao Módulo 1 – aluno, pois à luz de nossos objetivos e análises é o que melhor expressa a perspectiva das competências que queremos demonstrar.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

competência, inerente ao empreendedor que terá que criar o seu “auto-emprego” para sobreviver no mercado.

Na aula 06 da apostila, destaca-se a importância de se desenvolver habilidades para negociar e resolver conflitos. “Levando em conta que vivemos constantemente em relações sociais, a habilidade em resolver conflitos é fundamental para uma convivência mais produtiva e harmoniosa” (idem, p. 15). Aqui é ressaltada importância de saber ser um bom negociador para gerar produtividade e um espaço social harmonioso, numa perspectiva bem crítica de conceber a realidade, como se os problemas gestados no ambiente social pudessem ser resolvidos individualmente pela negociação.

Na aula 07 faz-se um destaque para a importância da Autonomia, como forma do indivíduo entrar em contato com o poder de criar a própria realidade. Neste sentido, ressaltase a necessidade da pessoa por em jogo sua subjetividade para produzir sua realidade. As transformações que se ensejam são de cunho individual e privado.

Na aula 08, faz-se um destaque à Inovação enquanto característica essencial e inerente ao empreendedor.

Temos a tendência à acomodação, não queremos ter o trabalho de viver cada segundo como uma situação única, que merece respostas únicas de nossa parte. Ale, disso tememos abandonar o já conhecido, enfrentando o temeroso desconhecido. Por isso criamos padrões repetitivos de conduta, usando sempre as mesmas estratégias, não importando se as situações são diferentes. Mudanças fazem parte da dinâmica da vida, tanto pessoal como profissional, e hoje a tendência é que as mudanças se tornem mais freqüentes e intensas (p. 19).

No sentido acima aludido, o indivíduo forçosamente terá de se tornar inovador para se adaptar ao mundo, gerando diferentes respostas para as diferentes situações impostas pela realidade. E acrescenta: inicie o processo de mudança por você. Essa é a maior de todas as revoluções possíveis (p. 20). Nesta perspectiva, o processo de revolução é de caráter individual e só possível via subjetividade. A intenção é de camuflar a possibilidade da luta de

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

classes, em prol da perspectiva individualista, como se fosse impossível uma revolução coletiva.

Na aula 11, o tema tratado é “Empregabilidade: o desafio do fim do emprego”. Em seu conteúdo, procura-se ressaltar que o mundo caminha para o “fim do emprego”, pois as mudanças tecnológicas vão criando desempregados da noite para o dia e determinadas funções vão simplesmente deixando de existir.

Hoje, nas metalúrgicas da Europa, já não existe a função de soldador. Os robôs fazem isto. Mais próximo de nós, o Brasil, após várias demissões, ainda tem 600 mil bancários e este número será reduzido, em um ano, a 200 mil. A automação vai substituir o CAIXA, e esta função vai deixar de existir. E quantas outras profissões virão no seguimento e não existirão mais? Mais do que posição, título e cargo, sua empregabilidade representa seu bem mais valioso (p. 30).

E qual a compreensão de empregabilidade contido na apostila?

É o conjunto das suas habilidades, conhecimentos e capacitações que determinará se você será mantido na organização ou terá que buscar oportunidades fora. É aprimorar os seus talentos [...] Conceitos como função, atividades e resultados são a chave da moderna empregabilidade. Hoje o mercado tem que ser olhado pelo profissional como um conjunto de oportunidades de trabalho. Terá mais aquele que tiver coragem de empresariar a si mesmo, de vender sua competência, de investir em cursos de atualização, na sua própria reciclagem (p. 30).

Aqui observa uma a perspectiva ideológica, no sentido marxista de falseamento da realidade, como nos leva a entendimento Chauí:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem sentir e como devem sentir, o que fazer e como devem fazer [...] cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir da esfera das divisões na esfera da produção (2004, p. 108).

Nesta concepção, o discurso da apostila do SEBRAE procura enfatizar que as mudanças tecnológicas são as responsáveis únicas e inevitáveis do desemprego. Assim destacando só processo e não o seu agente, o capital, que produz toda esta realidade de desemprego. Infere-se o entendimento de que este processo é natural ao desenvolvimento tecnológico cabendo aos indivíduos se adequarem às mudanças postas em condições dadas. Esta perspectiva ideológica infere também de que não há resistência da classe trabalhadora frente ao desemprego. Utilizando o exemplo dos bancários, afirma-se que os empregos vão desaparecer pura e simplesmente, com o passar do tempo, silenciando a luta que os trabalhadores bancários e de outras categorias, tem travado para contrapor a este processo.

O que fica expresso no discurso apologético do SEBRAE é que a saída é individual, cabendo as pessoas se adequarem ao mercado, aprimorando seus talentos, enquanto saída única para resolver o problema do desemprego. É adquirindo competências que o indivíduo poderá dotar-se de empregabilidade como forma de tornar-se empregado ou adquirir competências que impliquem na oportunidade de “empresariar a si mesmo”, no formato do empreendedorismo. Assim, as noções de empregabilidade e empreendedorismo são destacadas como modo de contrapor ao drama do desemprego, dado como inelutável. Procura-se, com isso, camuflar a possibilidade de contraposição coletiva da classe trabalhadora na perspectiva de transformação social.

Pela disciplina “O Empreendedor”. As aulas 01,02 e 03 congregam um conjunto de conhecimentos focalizados na psicologia e tangente ao desenvolvimento da personalidade, de forma a dar subsídio à compreensão do empreendedor.

Na aula 04, “Características do Empreendedor” procura-se dar maior compreensão sobre o empreendedor.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Empreendedores são pessoas que perseguem o benefício, trabalham individual e coletivamente. Podem ser definidos como indivíduos que inovam, identificam e criam oportunidades de negócios, montam e coordenam novas combinações de recursos (funções de produção), para extrair os melhores de suas inovações num meio incerto (p. 12).

Um destaque que a apostila faz é que a personalidade do empreendedor incidirá diretamente no sucesso ou fracasso da nova empresa. Assim, a subjetividade tem fator decisivo para o empreendedor, o que a nosso ver perfaz a concepção de competência. Nesta linha, os elementos subjetivos são postos como responsáveis pelo sucesso ou fracasso não levando em conta a realidade contraditória e historicamente produzida, o que espraia a perspectiva de responsabilidade individual sobre qualquer acontecimento no negócio do empreendedor, o que infere também em conceber o desemprego como falha individual ou indisposição de quem não soube empreender.

No rol destas características é possível identificar várias competências referentes às demandas impostas pelas transformações na base produtiva, e aqui são descritas como habilidades, a nosso ver são competências. Por que estamos dizendo isto? Pois se nos basearmos em Zabala (1998) a competência representa a capacidade da pessoa mobilizar saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes para resolver problemas e tomar decisões, na linha do trio saber, saber-fazer e saber-ser, destacados por Ramos (op. cit.). A habilidade representaria uma dimensão, a do saber-fazer, enquanto uma das dimensões da competência.

“Valorização de oportunidades e pensamento criativo”. A avaliação seria de fundamental importância para distinguir as oportunidades reais e as falsas. Para tal, seria necessário o empreendedor pensar criativamente e fazer uma valoração das oportunidades que surgem.

“Comunicação Persuasiva”. No geral, os empreendedores iniciam com nada além do que uma idéia. Para transformá-la em algo concreto, necessitam convencer outras pessoas (amigos, parentes, desconhecidos) a se associarem, investindo ou emprestando dinheiro.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Precisa convencer fornecedores a oferecer crédito e precisa convencer os consumidores de seu novo produto ou serviço.

“Negociação”. Negociar se torna essencial ao empreendedor para que seu novo negócio possa materializar-se.

A habilidade para negociar, com as outras [pessoas], se adquire pela experiência. Está intimamente relacionada com aspectos de origem cultural. É freqüente ouvir que as pessoas de origem árabe são bons negociantes. Muitos desenvolvem esta habilidade desde criança, uma vez que nos países árabes o comércio é praticado sem preços fixos a priori [...]. O comprador deve sempre negociar o preço final com o vendedor (p. 22).

“Aquisição de Informações”. Tornar-se imprescindível ao empreendedor, estabelecer habilidades de aquisição de informação, adaptando-se ao ambiente instável e competitivo, a partir dos avanços nos processos gerenciais e tecnológicos. Aqui mais uma vez a referência à adaptação à realidade ao invés de transformá-la.

Novamente, há que se destacar a dinâmica da sociedade atual. Esta exige dos empresários produtos e serviços com mais qualidade, preços menores e garantias maiores. Também a economia globalizada submete os empresários à concorrência internacional. Portanto, o empreendedor só manterá a sua empresa se estiver atento às exigências e suficientemente informado para adotar as modificações necessárias para enfrentar a nova realidade (p. 22).

“Resolução de problemas”. A resolução de problemas é de fundamental importância, segundo o SEBRAE, na abertura e desenvolvimento de um novo negócio. Pois, “[...] cada novo negócio gera um conjunto único de problemas, desafios e crises” (p. 22). Neste sentido, o empreendedor tem que aprender a identificar o problema.

Sendo assim, a partir da exploração feita nas apostilas das disciplinas “Desenvolvimento Comportamental” e “O empreendedor” do módulo 1 – aluno, podemos

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

constatar que há uma convergência entre as noções de competência e empregabilidade que nos habilita a qualificarmos a presente pedagogia empreendedora do SEBRAE.

Observamos claras referências à concepção de competência ressaltando aspectos psicológicos, fazendo menção à subjetividade e a experiência; como sendo base para a constituição do espírito empreendedor. Ressalta inclusive a importância de algumas competências, como a criatividade, autonomia, criticidade, resolução de problemas, comunicação, inovação, entre outras.

O caráter do curso ao promover jogos, atividades e dinâmicas, de forma aos alunos vivenciarem os conteúdos tratados, comunga com a dimensão experimental da competência, no que tange as capacidades cognitivas e sócio-afetivas a serem trabalhadas.

Neste sentido, concluímos que a pedagogia empreendedora, ensejada no curso de Formação de Jovens Empreendedores do SEBRAE, tem como base a pedagogia das competências. E isto nos dá suporte para dizermos que a pedagogia empreendedora do SEBRAE tem como perspectiva histórica à adaptação do ser humano a sociedade capitalista, desconsiderando qualquer possibilidade de transformação radical deste modelo de sociedade.

Nesta concepção, o capitalismo é encarado como o único modo de produção possível cabendo as pessoas inserirem-se de modo adaptativo as demandas impostas pelo mercado. O seu discurso do empreendedorismo assevera, com tonicidade, o consenso na medida em que enseja nas pessoas a possibilidade de se tornarem patrões ao invés de empregados ou desempregados. Neste sentido, não seria necessária uma transformação radical da sociedade, pois ser empreendedor seria a saída para resolver, individualmente, os problemas econômicos e sociais postos pelo próprio capitalismo. Camufla-se desta forma, que ser empreendedor, ao contrário, insere-se na precarização das condições de trabalho e existência na qual o indivíduo não possui qualquer segurança ou perspectiva futura.

O que se observa no discurso do empreendedorismo é a precarização do trabalho, que compreendemos com Irene Galeazzi (2002) como sendo uma diversidade de situações laborais que se afastam do padrão de emprego assalariado, regido por leis e condições de trabalho determinadas.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Ser empreendedor é ser precarizado, pois na perspectiva do “auto-emprego”, ele não usufrui nenhum dos direitos assegurados para o trabalhador assalariado, como as férias, remuneração nos períodos de parada de trabalho por enfermidade, descanso remunerado, seguro desemprego, aposentadoria, etc. Todo e qualquer benefício, nesta linha, deverá ser financiado pelo próprio trabalhador, que, geralmente, não ganha rendimentos que lhe permitam custear parte destes benefícios similares à de um trabalhador assalariado (Galeazzi, *idem.*).

Neste sentido, na medida em que a noção de competência adquire materialidade na pedagogia empreendedora do SEBRAE ela também comunga da mesma concepção de homem natural-funcionalista que deságua numa concepção subjetivo-relativista de conhecimento. Pela concepção de homem o assevera a adaptação aos ditames impostos pelo mercado ao mesmo passo que satisfaz o consenso necessário à manutenção do sistema capitalista, pois na visão apologética, não há alternativa.

Com base nestas considerações, iremos qualificar a pedagogia empreendedora do SEBRAE, via Programa de Formação de Jovens Empreendedores, segundo os grupos das tendências pedagógicas desenvolvidas por Saviani em sua obra *Escola e Democracia* (2005). De acordo com Saviani as teorias da educação podem ser qualificadas em três grupos, de acordo com compreensão do papel que exercem na sociedade. São estes grupos, a saber: Teorias Não-críticas, Teorias Crítico-Reprodutivistas e Teoria Crítica.

Uma teoria que podemos ingressar no grupo da teoria crítica é a pedagogia histórico-crítica que vem sendo desenvolvida por Saviani nas suas obras *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações* (1997) e *Escola e Democracia* (2005).

A partir da exposição feita sobre a categorização feita por Saviani (2005), nós acrescentaríamos a pedagogia empreendedora do SEBRAE ao grupo das teorias não-críticas, pois esta tem ingressado na escola, numa perspectiva acrítica e formadora do consenso em torno do sistema capitalista ao passo que vai silenciando qualquer perspectiva de transformação radical da sociedade.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Assim, somos contrários a perspectiva conformadora da pedagogia empreendedora e congregamos uma outra perspectiva de formação calcada numa concepção politécnica de formação humana visando a transformação radical da sociedade.

## A Concepção Politécnica de Educação e Concepção Empreendedora: um confronto entre projetos distintos de sociedade

Pensando numa concepção de homem, para além do mercado, que possa contribuir para a transformação radical da sociedade capitalista, iremos abordar uma concepção de educação que se inscreve no bojo do modo de produção capitalista, visando contribuir para a sua transformação.

Esta concepção é a da politecnia e que se elabora a partir de uma visão de homem e de mundo, diferentes e mesmo antagônicas das concepções de educação voltadas ao mercado, como é o caso da pedagogia da competência e da pedagogia empreendedora. A compreensão da politecnia perpassa a compreensão do trabalho como princípio educativo, enquanto tese central. E isto cumpre compreender a relação do homem com o trabalho, no seu sentido concreto.

Neste sentido, Saviani (2003) lança uma questão importante: o que é o homem? E responde, numa perspectiva marxista, que é um ser que só existe pelo trabalho, sendo este o cerne da existência humana. Marx e Engels (1999) na sua obra “Ideologia Alemã”, destacavam o trabalho enquanto o primeiro pressuposto da existência humana e de toda a história.

[...] os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas para viver é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos (1999, p. 39).

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Assim o trabalho é o princípio da vida humana. Ao distinguirmos o homem do animal, temos que [...] os animais tem sua existência garantida pela natureza e por conseqüência tem sua existência garantida pela natureza (Saviani, op cit., p. 132). Com o homem ocorre o inverso, pois ele precisa adaptar a natureza a si. Ajustar a natureza às necessidades, às finalidades humanas, é o que se faz pelo trabalho. Trabalhar não é outra coisa senão agir sobre a natureza e transformá-la (idid., p. 133).

Foi esta concepção de trabalho, que Marx conferiu um conteúdo positivo, pois na sua origem o trabalho seria da necessidade e vontade humanas, revelando a capacidade criadora do homem, na qual o desejo se projetaria no futuro (teleológico) e sua realização se daria a partir de um conjunto de ações para a consecução de seu objeto.

Ao atuar, por meio desse movimento [o trabalho], sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. [...] pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (Marx, 1985, p. 149-150).

Assim, o trabalho é condição própria do ser humano, enquanto processo que se coloca entre o homem e a natureza. As mudanças que o homem vai produzindo na natureza, via o trabalho, vão produzindo um novo ambiente, novas sociabilidades, uma nova cultura, portanto, um novo homem.

E neste processo de desenvolvimento histórico, vão sendo criados modos de produção que vão imprimindo novas formas de relação dos homens entre si e com a natureza. Saviani, apoiado em Marx, destaca, ao longo da história, os seguintes modos de produção: modo

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

comunitário (comunismo primitivo), modo de produção asiático, modo de produção antigo (ou escravista), modo de produção feudal e o modo de produção capitalista.

No tocante a este último, a relação entre os homens se dá de acordo com as relações sociais de produção em que a classe burguesa detentora dos meios de produção compra a força de trabalho da classe trabalhadora. Foi observando esta realidade histórica social que Marx destacou o lado negativo do trabalho, em seus Manuscritos Econômico – Filosóficos (2004) para a qual a ação humana se manifestaria alienada, seja na produção de mercadorias não oriundas da sua vontade, seja por não ficar com o produto do seu trabalho e pela divisão do trabalho.

Neste último, em especial, a apropriação dos conhecimentos produzidos pelos trabalhadores se torna imprescindível ao capital. No capitalismo, a ciência se torna mola propulsora da acumulação, sendo [...] incorporada ao trabalho produtivo, convertendo-se em potência material (Saviani, op cit., p. 137).

Isto coloca o conhecimento enquanto meio de produção, implicando em uma fundamental contradição para o capital. Pois,

[...] se essa sociedade é baseada na propriedade privada dos meios de produção e se a ciência como conhecimento é um meio de produção, deveria ser propriedade privada da classe dominante (ibid., p. 137).

Porém, se a classe trabalhadora for expropriada, de modo absoluto, do conhecimento, ela não poderá produzir e, portanto, não poderá criar valor para o capital. Sendo assim, a classe burguesa produziu mecanismos para retirar o conhecimento produzido pelos trabalhadores, sistematizando-o e devolvendo-o de forma parcelada e fragmentada.

O taylorismo representou (e representa) uma das principais estratégias de apropriação e fragmentação do conhecimento dos trabalhadores. Assim é devolvido ao trabalhador um conhecimento parcial, do processo que antes, ele dominava absolutamente.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

O taylorismo desempenhou um papel importante já que a partir do estudo do tempo e movimento, foi possível detectar quais eram as tarefas simples que cada trabalhador tinha de desenvolver a fim de contribuir para a produção de determinados bens (ibidem., p. 138).

No bojo da relação capital e trabalho, esta parcelarização e fragmentação do conhecimento foi apropriada pela escola, sob o modo de produção capitalista, de forma a fragmentar o trabalho em especialidades profissionais e na qual os trabalhadores são formados para atuar em determinadas tarefas impostas pelo mercado. Neste sentido, se verá na escola uma dualidade na formação humana, na qual para a educação do trabalhador seria subsumida aos imperativos do capital ao reproduzir a força de trabalho enquanto mercadoria.

Enquanto para a classe dirigente uma educação de carácter geral, clássico e científico, que permitiria conduzir o processo de direção da sociedade. Neste sentido, a formação para o trabalho passa a inferir em formação profissional.

A emergência das profissões modernas se constituem, então, em consequência da divisão fabril e social do trabalho, hierarquizado de acordo com as classes sociais que se destinam – operários ou técnicos, engenheiros, cientistas, e assim por distante. Esse é o ápice da divisão entre trabalho manual e intelectual que se verifica tanto na sociedade quanto no interior da fábrica (Ramos, 2001b, p. 33-34).

Contrapondo a esta divisão na formação humana, entre o trabalho manual e o intelectual, a politecnia assevera que os processos de trabalho possuem uma unicidade inseparável entre os aspectos manuais e intelectuais. A politecnia caminha na direção da sublevação da dicotomia entre o trabalho manual e intelectual, ou instrução profissional e geral.

Tomar o trabalho como princípio educativo perfaz, portanto, a construção de um lócus favorável à classe trabalhadora de contraposição ao sistema capitalista. Neste sentido,

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Não se trata de um trabalhador adestrado para executar com perfeição determinada tarefa e que se encaixe no mercado de trabalho para desenvolver aquele tipo de habilidade. Diferentemente, trata-se de propiciar-lhe um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abarca todos os ângulos da prática produtiva na medida em que ele domina aqueles princípios que estão na base da organização da produção da produção moderna (Saviani, op cit., p. 140).

Enquanto projeto pedagógico, a politecnia cumpre por uma formação capaz de fornecer ao ser humano uma base sólida e profunda dos processos técnicos e científicos, advindos das ciências da natureza e das ciências humanas e sociais, para orientar uma prática pedagógica que possibilite aos educandos perceberem que a realidade é produto da ação humana, neste sentido ela pode ser transformada.

Neste sentido, iremos destacar de forma geral, uma importante contribuição de Acácia Kuenzer (1992) no que tange a politecnia. Destacaremos três aspectos importantes na perspectiva de uma educação transformadora, baseada em Gramsci: a) Escola Unitária como estrutura educacional, b) Politecnia como conteúdo e a c) Dialética como método.

A escola unitária, enquanto estrutura educacional compreende a escola única, com uma formação que articula o trabalho (como elemento da atividade geral e universal propagador da liberdade concreta) com as capacidades de estudar, pensar, dirigir e questionar quem dirige (Kuenzer, 1992).

Esta [a escola unitária], segundo Gramsci, deverá ser uma escola única e inicial de cultura geral, humanística, caracterizada por uma justa adequação entre a capacidade de que se apresente, ao mesmo tempo, como escola de cultura e de trabalho, ou seja, de ciência que se fez produtiva e de prática que se fez complexa (ibid., p. 126).

Pretende-se, portanto, uma sólida formação cultural diversa da simples erudição, com um caráter crítico, político e coletivo, indo além do ensino enciclopédico e da justaposição de saberes de natureza distinta.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

A politecnia enquanto conteúdo desta escola única deverá promover uma [...] síntese superadora do academicismo clássico e do profissionalismo estreito (ibid., p. 137) reunificando o trabalho intelectual e trabalho manual, possibilitando uma formação que, a partir da prática social, desenvolva nos educandos a compreensão [...] das bases da organização do trabalho na nossa sociedade e que, portanto, nos permite compreender seu funcionamento (Saviani, 2003, p. 142).

Neste sentido, a politecnia se lança para além da mera preparação para as ocupações delineadas pelo mercado de trabalho e em uma perspectiva de área de conhecimento que se explica por si mesma.

De acordo com Lucília Machado (1984):

[...] não quer dizer uma escola onde se estudam muitos ofícios, mas onde se ensina as crianças a compreender a essência dos processos de trabalho, a substância da atividade laboriosa do povo e as condições de êxito no trabalho (apud., Kuenzer, 1992, p. 129).

A dialética enquanto método consiste na articulação da teoria às práticas produtivas, propiciando ao educando o domínio do processo de construção de conhecimento. Assim,

[...] o domínio do método de produção do conhecimento através do desenvolvimento das habilidades de investigação e de discussão, bem como da consciência do caráter provisório e parcial da teoria estabelece um outro tipo de relação com o saber – enquanto sujeito (ibid., p. 142).

É na relação teoria/prática (práxis) que se inscreve a produção do conhecimento. A produção das idéias, de acordo com Marx e Engels (op cit.), na Ideologia Alemã, está relacionada com a atividade dos homens, para a produção da sua existência. O trabalho, portanto, é a práxis transformadora da realidade, que permite ao homem produzir conhecimento.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

[...] é através da relação teoria/prática que o homem modifica as circunstâncias humanas (relações sociais, econômicas) e as circunstâncias materiais (natureza, instrumentos de trabalho) estabelecendo controle sobre elas, ao mesmo tempo que transforma a própria consciência, através de um processo educativo que se instaura ao nível das relações sociais (ibid, p. 143).

Neste sentido, o método dialético possibilita a compreensão da realidade (enquanto ponto de partida) para além do mundo da aparência buscando a essência dos fenômenos que permite compreender a mesma realidade (ponto de chegada) enquanto um todo estruturado.

E neste percurso, as categorias do método dialético são importantes ferramentas mediadoras do homem com a realidade. De acordo com Kuenzer (1992), são elas: totalidade, historicidade, provisoriedade e contradição<sup>8</sup>.

Cabe destacarmos que as contribuições de Kuenzer sobre a politecnia se referem, a princípio, a uma proposta de ensino de 2º grau (atual ensino médio, desde 1996), tomando o trabalho como princípio educativo. Não obstante, compreendemos que estas contribuições podem ser ampliadas a todos os níveis de ensino. Neste sentido, concordamos com José Rodrigues que:

Assim como formar técnicos não é uma demanda específica da concepção de politecnia, pode-se também concluir que evitar uma formação mais específica não é necessariamente antagônico à concepção de politecnia de educação. Mais orgânico seria propor que a concepção de formação politécnica fosse encarada enquanto perspectiva geral, de orientação de todo sistema educacional brasileiro (da escola fundamental à pós-graduação) [...] (1998, p. 96).

Sendo assim, somos favoráveis a uma ampla discussão sobre a formação humana na perspectiva da politecnia e que possa contribuir para a transformação social, enquanto projeto histórico que se coloca para a classe trabalhadora.

Pois como procuramos destacar ao longo deste texto, a pedagogia empreendedora perfaz o projeto dominante de sociedade. Não obstante, podemos dizer que a perspectiva da

---

<sup>8</sup> Para aprofundar estas categorias sugerimos ver Kuenzer (1992), Kuenzer (1998) e Cury (2000).

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

politecnicidade é antagônica à da pedagogia empreendedora na medida em que seus projetos de sociedade também o são. E isto é importante de destacarmos, pois a construção conceitual da politecnicidade e do empreendedorismo não são fruto do acaso, mas do processo histórico em que foram elaborados.

Enquanto a primeira aponta para uma formação omnilateral, que em outras palavras representa uma formação completa de homem sob um outro modelo de sociedade, a sociedade socialista, a segunda, a pedagogia empreendedora, se remete à formação unilateral que só enxerga os ditames mercadológicos como o seu grande balizador. Sua perspectiva não é de transformação, mas de conservação da sociedade capitalista.

À luz da categoria trabalho, a concepção politécnica de educação compreende que:

O trabalho como manifestação humana, como atividade não-alienada, é o fundamento para que se estabeleça uma relação positiva entre o homem e a natureza em que se torna possível a naturalização do homem e a humanização da natureza, condição na qual as relações entre os homens podem se apresentar como relações verdadeiramente humanas (Júnior, 1999, p. 108).

É o trabalho concreto, autocriador do homem e produtor de valor de uso para além de qualquer tipo de alienação.

Já a pedagogia empreendedora concebe o trabalho no seu sentido alienante e produtor de valores de troca. O viés de sua formação é formar (e conformar) os indivíduos a se tornarem patrões de si mesmo explorando a própria força de trabalho ou, se realmente se tornarem patrões, explorarem a força de trabalho de outros trabalhadores.

A concepção de homem também é distinta entre as duas perspectivas de formação humana. A politecnicidade vislumbra a constituição do homem enquanto sujeito social que produz sua história criando e recriando, pela ação consciente do trabalho, a sua própria existência. No bojo das relações capitalistas, o modelo de homem vislumbrado pela politecnicidade é o sujeito que se insere nas relações com a intenção de sobreviver a sua lógica e, principalmente, transformá-la.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Já a perspectiva empreendedora perfaz um modelo de homem natural-funcionalista, que como vimos, procura dar respostas, meramente, adaptativas à realidade do mercado, fazendo funcionar e perdurar o modo de produção capitalista. É, um indivíduo que não questiona a realidade que o cerca, mas procura resolver problemas, inovar para mudar a sua situação, que este mesmo indivíduo acredita dominar. Aliás, o termo mudança é peculiar a este modelo de homem, nunca o termo transformação que aponta para uma visão mais radical.

A visão de conhecimento também é distinta. A concepção politécnica compreende o conhecimento como dotado de totalidade, na qual não há separação entre o teórico e o prático. Teórica sem ser meramente contemplativa e prática sem falar por si mesma, e compreendendo a realidade humana como resultado da ação coletiva dos homens e, que por isto, pode ser transformada. O conhecimento não é desconexo do real, mas antes se integra a ele numa perspectiva de totalidade, de modo a levar o entendimento de que nada está dado naturalmente.

Já a compreensão de conhecimento da perspectiva empreendedora, aponta em outra direção. O conhecimento é encarado numa concepção subjetivo-relativista. As apreensões realizadas pelo indivíduo são contingentes e espraiadas na visão pragmática e utilitarista do irracionalismo pós-moderno. Nesta via, não seria possível nenhuma visão de totalidade, pois as apreensões dependem, subjetivamente, do olhar de quem vê. Isto aponta para o relativismo, no qual, se coloca a negação da objetividade do conhecimento. Na medida em que as percepções são postas como apreensões particulares do sujeito, a realidade não seria passível de compreensão e explicação, e, portanto, de transformação.

## Considerações Finais

Nos limites desta exposição, acreditamos poder concluir que a noção de empreendedorismo, que tem apontado para uma pedagogia empreendedora para a educação, tem como base a pedagogia das competências. E isto nos dá suporte para dizermos que a esta pedagogia empreendedora tem como perspectiva histórica a adaptação do ser humano à

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

sociedade capitalista, desconsiderando qualquer possibilidade de transformação radical deste modelo de sociedade.

Nesta concepção, o capitalismo é encarado como o único modo de produção possível cabendo às pessoas inserirem-se de modo adaptativo às imposições do mercado. O discurso do empreendedorismo assevera, com tonicidade, o consenso em torno do capitalismo na medida em que enseja nas pessoas a possibilidade de se tornarem patrões ao invés de empregados ou desempregados. Neste sentido, não seria necessária uma transformação radical da sociedade, pois ser empreendedor seria a saída para resolver individualmente os problemas econômicos e sociais que, em nossa visão, são postos pelo próprio capitalismo. Camufla-se desta forma, que ser empreendedor, ao contrário, insere-se na precarização das condições de trabalho e existência na qual o indivíduo não possui qualquer segurança ou perspectiva futura.

Neste sentido, na medida em que a noção de competência adquire materialidade na pedagogia empreendedora, ela também infere na mesma concepção de homem natural-funcionalista que deságua numa concepção subjetivo-relativista de conhecimento (Ramos, 2001a). Pela concepção de homem assevera-se a adaptação aos ditames impostos pelo mercado ao mesmo passo que satisfaz o consenso necessário à manutenção do sistema capitalista, pois na visão apologética, não há alternativa.

Assim somos contrários à perspectiva conformadora da pedagogia empreendedora que tem ganhado espaço na educação enquanto mote para se adequar às mudanças exigidas pelo mercado. Congregamos uma outra perspectiva de formação calcada numa concepção marxista de formação humana e na qual a área da educação tem buscado desenvolver.

## Referências Bibliográficas:

ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho - Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia. São Paulo: Braziliense, (Coleção primeiros passos; 13), 2004.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

CAMPOS, Marilene de Souza. A Empresa como Vocação: O SEBRAE e o Empreendedorismo na Cultura da Informalidade como Problema Público. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

CURY, Carlos R. Jamil. Educação e Contradição. – 7ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

DIAS, Graziany Penna. Empreendedorismo e Educação: o SEBRAE na Escola. Dissertação de Mestrado. Niterói-UFF, 2006.

Estudo EXAME – Inovação e Empreendedorismo: o valor das pessoas no desafio de inovar. Revista EXAME. São Paulo, ano 40, nº 06, 29 de março de 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Produtividade da Escola Improdutiva. – 6ª ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

GALEAZZI, Irene. Precarização do Trabalho. In: CATTANI, Antonio David (org.). Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia – 4 ed. rev. ampl. – Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, p. 242-247.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Editora Loyola, 1993.

JF perde 200 postos por falta de mão-de-obra qualifica. Jornal Tribuna de Minas, Juiz de Fora, p. 03, 22 e 23 de maio de 2005.

JÚNIOR, Justino Sousa. Politecnicidade e omnilateralidade em Marx. Revista no NETE – Trabalho e Educação – jan/jul – 1999, nº 05, p. 98-115.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. – 7ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, Acácia Zeneida. Ensino de 2º Grau: o trabalho como princípio educativo – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. Desafios Teórico-Methodológico da Relação Trabalho-Educação e o Papel da Escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século – 3ª ed. – Petrópolis, RJ, 1998 p.55-75.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Unificação Escolar e Hegemonia. São Paulo: PUC, 1984 (Tese de Doutorado).

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. O Capital: crítica da economia política. – 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. – 11ª ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

MINARELLI, José Augusto. *Empregabilidade: o caminho das pedras*. São Paulo: Editora Gente, 1995.

OLIVEIRA, Ramon de. *Empregabilidade e Competência: conceitos novos sustentando velhos interesses*. Revista no NETE – Trabalho e Educação – jan/jul – 1999, nº 05, p50-63.

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. *O Que é Ser Empreendedor*. Documento adquirido na Biblioteca Temática do Empreendedor – SEBRAE. Website: <http://www.bte.com.br>. Acessado dia 20/11/2005.

RAMOS, Marise Nogueira. *Da qualificação à competência: deslocamento conceitual na relação trabalho – educação*. Tese de doutorado, UFF: Niterói, 2001a.

\_\_\_\_\_. *A Pedagogia das Competências: Autonomia ou Adaptação?* São Paulo: Cortez, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Os Limites da Noção de Competência sob a perspectiva da Formação Humana*. In: *Movimento: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*, Niterói: Intertexto n 04, set. 2001c, p. 47-64.

RODRIGUES, José. *A Educação Politécnica no Brasil*. Niterói, RJ: EdUFF, 1998.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. – 6ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo), 1997.

\_\_\_\_\_. *O Choque Teórico da Politecnicia*. In: *Trabalho, Educação e Saúde*. Vol. 01, n. 01, mar. 2003, 131-152.

\_\_\_\_\_. *Escola e Democracia*. – 37ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo), 2005.

SEBRAE. *Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor*. São Paulo: USP e Edições Sebrae, 1995.

\_\_\_\_\_. *Formação de Jovens Empreendedores chega à rede pública de ensino*. Disponível em: [www.sebraesp.com.br](http://www.sebraesp.com.br). Acessado dia 04/02/2006.

\_\_\_\_\_. *SEBRAE/RJ leva lição de empreendedorismo a alunos da 1ª a 8ª séries*. Disponível em: [www.sebraerj.com.br](http://www.sebraerj.com.br). Acessado dia 04/02/2006.

\_\_\_\_\_. *Formação de Jovens Empreendedores. Módulo 1 – Aluno*. 2002.

\_\_\_\_\_. *Formação de Jovens Empreendedores. Módulo 2 – Aluno*. 2002.

# Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

\_\_\_\_\_. Formação de Jovens Empreendedores. Módulo 3 – Aluno. 2002.

\_\_\_\_\_. Formação de Jovens Empreendedores. Módulo 1 – Professor. 2002.

\_\_\_\_\_. Formação de Jovens Empreendedores. Módulo 2 – Professor. 2002.

\_\_\_\_\_. Formação de Jovens Empreendedores. Módulo 3 – Professor. 2002.

SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961a.

\_\_\_\_\_. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961b.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.